

As “vozes” presentes no gênero divulgação científica

NANTES, Eliza A. Sheuer (mestre, UEL, nantes@uel.br)

COAUTORIA: BORGES, Cleide Ap. Gomes (graduanda, UEL, jmccc6@yahoo.com.br);

LUPPI, Sandra Elaine (mestranda, UEL, seluppi@sercomtel.com.br)

RESUMO: O presente trabalho integra o projeto de pesquisa em Linguística Aplicada “*Análise Linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual*”, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina -Pr. De cunho qualitativo, de intervenção, o trabalho orienta-se para a sala de aula, focalizando a análise linguística por meio das vozes que perpassam os gêneros discursivos, sendo esses entendidos como eixo de articulação e de progressão curricular. Ancorados nos estudos de Bakhtin (1979), Rodrigues (2005), Maingueneau (1989) e Brait (2003), procedemos à análise de um gênero da ordem do expor, mais especificamente o de Divulgação Científica. Abordamos suas marcas linguístico-enunciativas (estilo), via vozes presentes no texto examinado - observando seus elos anteriores e posteriores - vinculadas a outras dimensões do gênero: tema e construção composicional, sempre relacionados às condições de produção. Ao final, apresentamos uma sugestão de transposição didática, direcionada a alunos do ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: gênero discursivo, estilo, vozes.

ABSTRACT: The present work integrates the research project on Applied Linguistics “Linguistics Analyzes: reading practices and textual practices contextualization” developed at the Londrina State Universidade-Pr. The work of qualitative status, on intervention, the work orientates itself to the classroom, focusing the linguistics analyzes by means of the voices that per pass the discursive genders, which are understood articulation axes and curricular progression. Anchored on the Bakhtin (1979), Rodrigues (2005), Maingueneau (1989) and

Brait (2003) studies, we proceeded the analyzes of a gender of the expose order, more specifically of Scientifically Information. We have approached its enunciative-linguistics marks (style) via voices in the examined text observing its previous and post links – connected to other dimensions of the gender: theme and compositional construction always related to the production conditions. At the end, we present a didactical transposition suggestion, focused on high school students.

KEYWORDS: discursive gender, style, voices.

1 INTRODUÇÃO

Tomamos como pressuposto básico desse estudo a natureza sociológica da linguagem, ou seja, o enunciado entendido como uma ação linguística dinâmica, que se constrói nas interações humanas (Bakhtin,1986). Partir desse fundamento teórico leva a uma reflexão sobre um ensino de língua voltado para a atuação social, para a atividade de interação verbal entre interlocutores, vinculada às circunstâncias concretas e diversificadas das práticas sociais que se efetivam através da linguagem. Para atingir tal objetivo, entendemos que uma das alternativas é a de considerar os gêneros discursivos como o eixo de articulação e progressão curricular em nossas salas de aula, já que os diferentes discursos produzidos materializam-se linguisticamente através de textos, sejam eles orais ou escritos, e todo texto, por sua vez, organiza-se dentro de um determinado gênero. Para Bakhtin (1997) os enunciados que criamos nos mais variados contextos sociais possuem aspectos discursivos (semânticos e formais) relativamente estáveis, que foram historicamente produzidos – os gêneros do discurso. Em uma concepção de linguagem interacionista, não podemos deixar de considerar que, apesar do enunciado ser individual e marcado pela alternância entre os locutores, essa individualidade é, de certa forma, relativa, uma vez que o discurso do sujeito é perpassado pelo do *outro* (ou *outros*), cujas vozes tem um papel fundamental na sua constituição. Para Bakhtin (1997, p.314) “Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias) estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado”.

Essas vozes representam os elos anteriores e posteriores do enunciado, pois, da mesma forma que este responde e é constituído por enunciados anteriores, também é elaborado tendo em

vista os enunciados que lhe sucedem na cadeia discursiva. Ainda que não haja um interlocutor real, ele é pressuposto pelo enunciador que, de forma mais ou menos deliberada, orienta a construção de seu discurso segundo a imagem que tem desse interlocutor. Daí decorrem desde a opção pelo gênero empregado, até as questões referentes ao estilo. Ao optar por uma determinada forma em detrimento de outras, dentre as que são conhecidas e que estão disponíveis na língua, o enunciador procura estabelecer o efeito de sentido que lhe parece o mais adequado para alcançar seu intento no evento específico de comunicação que tem em mente.

Qualquer análise da língua, portanto, não pode considerar o enunciado de forma estanque, como se não fosse determinado e determinante de outros enunciados da sequência de comunicação verbal. Por isso, este estudo trata com especial atenção as "vozes" bakhtinianas, entendendo, como dito, que, no processo de enunciação, a linguagem procede de alguém e se dirige a alguém. Desse modo, as marcas linguístico-enunciativas são trabalhadas via relações dialógicas entre vozes anteriores e posteriores, presentes nos enunciados. (RODRIGUES, 2005).

Como o projeto de pesquisa em Linguística Aplicada "*Análise Linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual*", desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina –Pr, do qual esse trabalho faz parte, objetiva a análise linguística contextualizada, por meio dos gêneros discursivos e das vozes que os permeiam, um dos gêneros selecionados pelo sub-grupo participante do projeto – composto por duas docentes e uma discente do curso de graduação em Letras - foi o de textos de divulgação científica. Esta opção justifica-se pelo fato de constituírem indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 1998), desde o ensino fundamental, e pelo fato de considerarmos serem ainda pouco explorados nas escolas.

No intuito de estabelecer uma classificação dos gêneros, os pesquisadores Dolz & Schneuwly apud Barbosa (2000, p. 170-171), ligados à Universidade de Genebra, propõem cinco agrupamentos, que podem ser sintetizados em:

- a) *gêneros da ordem do narrar* – cujo domínio de comunicação social é o da cultura literária ficcional, enquanto manifestação estética e ideológica que necessita de instrumentos específicos para sua compreensão e apreciação (exemplos destes gêneros seriam: contos de fadas, fábulas, lendas, narrativas de aventura, narrativas de ficção científica, romance policial, crônica literária,

- b) *gêneros da ordem do relatar* - cujo domínio de comunicação social é o da memória e o da documentação das experiências humanas vivenciadas (exemplos destes gêneros seriam: relatos de experiência vivida, diários, testemunhos, autobiografia, notícia, reportagem, crônicas jornalísticas, relato histórico, biografia, etc.). Envolve a capacidade de representação pelo discurso de experiências vividas e situadas no tempo;
- c) *gêneros da ordem do argumentar* – cujo domínio de comunicação social é o da discussão de assuntos sociais controversos, visando um entendimento e um posicionamento perante eles (seriam exemplos de gêneros: textos de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, editorial, requerimento, ensaio, resenhas críticas, artigo assinado, etc.). Envolve as capacidades de sustentar, refutar e negociar posições;
- d) *gêneros da ordem do expor* – que veiculam o conhecimento mais sistematizado que é transmitido culturalmente – conhecimento científico e afins (exemplos de gêneros: seminário, conferência, verbete de enciclopédia, texto explicativo, tomada de notas, resumos de textos explicativos, resumos de textos expositivos, resenhas, relato de experiência científica, etc.). Envolve a capacidade de apresentação textual de diferentes formas dos saberes;
- e) *gêneros da ordem do instruir ou do prescrever* – que englobariam textos variados de instrução, regras e normas e que pretendem, em diferentes domínios, a prescrição ou a regulação de ações (exemplos de gêneros: receitas, instruções de uso, instruções de montagem, bulas, regulamentos, regimentos, estatutos, constituições, regras de jogos, etc.). Exigem a regulação mútua de comportamento.

De acordo com essa categorização, o texto analisado neste artigo pertence à ordem do expor, foi publicado na revista Galileu, de circulação nacional, que aborda temas científicos atuais.

Ao levar os textos da esfera científica para a sala de aula, especificamente no ensino médio, consideramos a viabilidade de tratar a ciência de uma maneira mais atraente, a fim de que os alunos possam melhor compreender e produzir sentidos.

De acordo com Rojo (2004), é essencial priorizar, na escola, os gêneros e agrupamentos de diferentes esferas de circulação, mais relevantes para a formação cidadã dos sujeitos-alunos. Desse modo, além dos da ordem do narrar – que são talvez os mais explorados na escola e se apresentam importantes para a formação literária dos alunos - os da ordem do relatar, do expor e do argumentar evidenciam relevância, ao propiciarem o interesse do leitor/produtor por gêneros das esferas jornalística, científica e publicitária.

2 O GÊNERO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O gênero divulgação científica (GDC) surge da união de dois outros: o discurso científico e o jornalístico, incorporando elementos tanto de um como de outro para atingir seu objetivo, que é o da vulgarização da ciência para leigos. Por isso, não se trata da simples junção dos dois gêneros que lhe dão suporte, mas da formulação de um *interdiscurso*, na medida em que procura propiciar ao leitor o contato com o universo científico por meio de uma linguagem que lhe seja familiar, como no texto jornalístico, mas mantendo algumas características do discurso científico, como a objetividade e a impessoalidade.

O discurso científico emprega uma linguagem objetiva, concisa e formal, de acordo com a norma padrão de escrita da língua, utilizando-se de um vocabulário técnico específico, pois se pressupõe que a sua circulação estará circunscrita ao próprio meio científico. Segundo Leibrunder, (2000, p. 231)

o padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico), e o emprego de verbos na 3ª pessoa do singular, acrescidos da partícula *se* índice de indeterminação do sujeito), ou na 1ª pessoa do plural (sujeito universal), ocasionando o apagamento do sujeito, são algumas das evidências lingüísticas através das quais as características acima podem ser constatadas.

Esses recursos reforçam o mito da neutralidade do discurso científico, na medida em que escondem a sua subjetividade. É como se não existisse o “eu” no discurso, e o autor fosse apenas um mensageiro da verdade, tornada inquestionável e absoluta. O efeito de sentido produzido é o de que a própria realidade se “auto-revela”, independente de qualquer interpretação subjetiva. Mas esses índices de impessoalidade, na verdade, só contribuem para fazer do texto científico um discurso extremamente persuasivo, justamente por não sê-lo de uma forma explícita.

O discurso jornalístico, por outro lado, tem outras características, como a objetividade, a clareza e a concisão. Preocupa-se com o fato, com a transmissão da informação. É nesse último aspecto que se aproxima do discurso científico, pois ambos “disfarçam” a presença do autor, emprestando voz às próprias coisas. Para conseguir tal efeito alguns recursos são utilizados, tais como o discurso direto e indireto, verbos na 3ª pessoa do singular seguidos da partícula *se*, a descritividade, entre outros.

Do objetivo de difundir um conhecimento científico para o público em geral decorre uma característica fundamental do Gênero de Divulgação Científica, a metalinguagem, isto é, a

propriedade que tem a língua de se auto-explicar. Por isso são freqüentes as nomeações, metáforas, exemplificações e comparações. Além disso, constata-se um grande cuidado com a escolha lexical e a utilização de recursos visuais que dêem mais elementos para o leitor compreender o texto.

3 ANÁLISE DO TEXTO

Neste trabalho abordaremos o texto “Doeu?” publicado na revista Galileu, por ser o de publicação mais recente dentre os estudados pelo grupo. No que tange à categorização da análise, dispomos de inúmeros estudiosos que apontam caminhos que nos auxiliam nesse percurso.

De acordo com os estudos bakhtinianos, no processo de enunciação, a linguagem procede de alguém e se dirige a alguém, e todo enunciado é uma resposta a enunciados (elos) anteriores e pressupõe também quem é o seu interlocutor, que o autor considera como elo posterior. Por isso, é importante observar como se manifestam as diferentes vozes que perpassam o discurso.

Sendo assim, entendemos que as marcas de linguagem de um gênero estão relacionadas às vozes que o permeiam. Tais vozes estão/são mobilizadas em razão do conteúdo temático veiculado em determinada construção composicional, levando em conta as condições de produção: função social dos interlocutores, o objetivo ou finalidade, local e época de circulação do texto.

Rodrigues (2005), ao discutir o artigo de opinião, categoriza tais vozes propondo que se considere, por um lado, a relação dialógica com os elos anteriores, analisando-se o movimento dialógico de assimilação (voz do senso comum, de entidades, etc., além de verbos ou grupos proposicionais do discurso citado com uso de valor apreciativo, que trazem verdades, fatos, opiniões), o movimento de apagamento ou distanciamento de vozes (isolamento de orientações valorativas e/ou chamamento de outras perspectivas, que não têm o estatuto de credibilidade e utilização de outras marcas enunciativas de distanciamento como uso de expressões avaliativas (adjetivos, p.ex.); aspas, negação, operadores argumentativos, uso de discurso indireto, particularizando-o, ou emprego do discurso bivocal). Cabe ressaltar que os modalizadores indicam a atitude do falante perante o que diz e podem servir tanto no processo de assimilação como no de apagamento de vozes. Por outro lado, a autora propõe

que se leve em conta a relação dialógica com os elos posteriores, que orienta a construção do discurso em função da reação-resposta do interlocutor, nos movimentos de engajamento, refutação ou interpelação.

Para Fiorin (2003), a presença dessas vozes manifesta-se através da negação – em que estão implicadas duas vozes: uma que afirma e outra que refuta a afirmação anterior; do discurso direto e indireto – sendo o discurso direto o modo de citação do discurso alheio em que o narrador indica o discurso do outro, e o discurso indireto presente quando a personagem não chega diretamente ao leitor, mas por meio das palavras do narrador; do uso das aspas – esse mecanismo ocorre quando o autor não quer assumir palavras ou expressões como suas, quando são aproximativas em relação ao que pretende dizer, quando não pertencem à língua em que o texto está escrito nem ao nível de linguagem que se está utilizando; e, por fim, das glosas do locutor, em que tece comentários e explicações sobre o seu dizer.

O autor aponta os procedimentos linguísticos que servem para mostrar diferentes vozes no discurso, embora não demarquem com precisão os limites entre elas: discurso indireto livre e a imitação – por subversão (paródia) ou por captação (estilização).

Para Brait (2003), as vozes podem se manifestar por meio da monofonia e polifonia, que são os efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos por definição dialógicos, sendo considerada polifonia – quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar e monofonia – quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir.

3.1 Contexto de produção

O suporte utilizado foi a revista Galileu, uma publicação da editora Globo, edição número 214, de maio de 2009. A revista Galileu, originalmente, denominava-se “Globo Ciência”, pertence à Editora Globo, sendo a sua primeira edição datada de agosto de 1991. Desde sua criação, os assuntos tratados são direcionados à área de ciência, história, tecnologia, religião e saúde, entre outros. Analisando o texto da primeira edição, encontramos em seu editorial o seguinte compromisso assumido para com o leitor: “Todo mês você vai encontrar em Globo Ciência, tanto em forma de reportagens aprofundadas e minuciosas, que compõem o miolo da revista, como em notas nas seções de abertura ou do final, as informações mais relevantes que digam respeito à ciência e à tecnologia. Da informática à eletrônica, dos carros sofisticados aos mais avançados aviões, da exploração do espaço aos progressos nas telecomunicações, da

luta em favor da preservação da natureza à perseguição da cura para as doenças do corpo e da mente”.

Em setembro de 1998, com o lançamento da edição número 86, encontramos essa revista já com novo nome: Galileu, cuja escolha foi fruto de estratégia de marketing. Porém não houve somente a mudança no título, junto vieram alterações visuais e ampliação dos temas abordados. Em julho de 2004 houve uma remodelagem no *lay-out* e na forma como as matérias eram produzidas e chegavam até nós, leitores. Sintetizando, temos, então, uma revista com menor número de páginas e, por conseguinte, reportagens mais sintéticas, com a preocupação de transmitir mais informação em menor espaço. Logo, a infografia foi um recurso muito explorado, com o intuito de facilitar a compreensão dos temas. Outras mudanças posteriores podem ser sintetizadas em: produção em série sobre temas, como por exemplo “Galileu Vestibular”; ampliação na equipe de colaboradores; publicação de textos traduzidos de publicações de prestígio como “New Scientist”, “Fast Company” e “New York”.

A tiragem da revista gira em torno de 165 mil exemplares, com circulação nacional, e se propõe a proporcionar ao leitor o prazer de conhecer e aprender, além de divulgar conhecimento científico e curiosidades por meio de uma leitura acessível, sem subestimar ou superestimar a capacidade do público. Esse conhecimento engloba todo tipo de informação interessante, das cotidianas às mais abstratas. Na edição da revista, os editores procuram diagnosticar em uma pauta as notícias mais interessantes do mês, que serão analisadas a fundo e explicadas em detalhes pelos especialistas mais importantes do planeta.

Quanto ao público a que se destina, trata-se de um segmento jovem e "curioso" por notícias e matérias diferentes. Porém, na redação, a revista recebe o *feedback* de pessoas de todos os sexos e idades - de 13 a 75 anos. Ainda assim, a produção é focada para homens e mulheres a partir dos 18 anos.

No tocante aos textos, eles são elaborados, em sua maior parte, por jornalistas, como é o caso deste que analisamos, porém, nem todas as seções são assinadas. Observamos que a revista trata, também, de temas como tecnologia e ecologia com certa regularidade. Com relação ao autor do texto – Edmundo Clairefonte – trata-se de um jornalista que é também um dos editores da revista e escreve sobre temas diversificados.

3.2 Conteúdo temático

Trata-se de uma disseminação do experimento científico a respeito da forma como o brasileiro lida com a dor e apresenta para o leitor os tipos de dores mais recorrentes em cada gênero (feminino e masculino).

3.3 Construção composicional

Numa primeira leitura global, observamos que este texto tem os seguintes elementos constitutivos do Gênero Divulgação Científica (GDC): publicado em uma revista (Galileu), em forma de reportagem, tendo: título, subtítulo, texto, infográfico, legendas explicativas em forma de pergunta e resposta, data e cores. Apresenta, ainda, o nome do autor do texto e de quem fez as ilustrações.

3.3.1 O título

Observamos que a escolha no título “Doeu?” - é muito sedutora, pois o autor faz uso da interpelação direta ao leitor, através da interrogação. Para tanto, faz-se uso do pretérito perfeito do modo Indicativo, que é um tempo usado para declarar fatos inteiramente concluídos, localizados no passado de maneira enfática.

3.3.2 Subtítulo

O subtítulo é muito interessante, pois nele encontramos logo na primeira linha uma relação dialógica com os elos anteriores, visto que ocorre um movimento de assimilação do discurso do outro, conforme apregoa Rodrigues (2005). Ao afirmar que: “*O brasileiro é ruim da cabeça e doente do pé*”, temos a voz do senso comum ou conhecimento tácito, que, segundo Zamboni (2001, p. 99) trata-se daquele *sobre os quais não cabe mais sujeitar à comprovação ou contestação*”. Outra observação importante é que temos aqui, também uma intertextualidade com a música “Samba da minha terra” do compositor Dorival Caymmi.

Na sequência, o autor apresenta uma gradação argumentativa: “Ele também vai mal da garganta, os dentes incomodam um bocado, sente umas físgadas as costas e reclama de dor de barriga”. Na última oração, aparece pela primeira vez a primeira pessoa do plural: “Resultado: fazemos tudo errado”, procurando incluir tanto o autor quanto o leitor no que está sendo dito.

3.3.3 Infografia

Quando folheamos revistas e nos deparamos com aspectos gráficos que aliam imagem e texto temos, então, a infografia. Trata-se de um elemento visual cada vez mais usado pelos veículos de comunicação para criar o aspecto visível da informação e seu uso objetiva oferecer ao leitor melhor percepção do assunto tratado. A infografia que acompanha o texto em análise é muito clara, inclusive através da sua leitura é possível que haja uma idéia geral do que abordará o texto, porém com dados exatos. É interessante notar que o ilustrador teve o cuidado de separar a dor segundo cada gênero(masculino / feminino), além de apresentar os percentuais que acompanham o índice de dor em cada região. Ele ainda acrescentou, para o sexo masculino, um quadro sumário no qual consta a grande vilã: a dor nas costas.

Outro recurso presente no texto foi a apresentação de um “Pequeno **Manual da dor**” (grifos do autor). Nele, constam as questões: “*É normal sentir dor? Quais são os tipos mais comuns? E a dor crônica? Quando devo procurar um médico? Quais são as dores mais perigosas? O que não fazer quando sentir dor? Quais os riscos da automedicação? Estamos sofrendo mais do que precisamos?*”. Notamos que este recurso foi utilizado no sentido de prestar um esclarecimento melhor ao público leitor sobre uma questão muito séria: a dor e suas possíveis consequências. Constatamos que o autor continua recorrendo ao uso da interpelação direta, numa tentativa de fazer o leitor compartilhar dos mesmos questionamentos.

3.4 Estilo: as marcas linguístico-enunciativas, em relação às condições de produção do Gênero Divulgação Científica

Passaremos a analisar quais características do gênero em questão estão presentes na construção do texto, procurando observar se é possível estabelecer uma relação destas com elos anteriores e/ou posteriores do discurso.

3.4.1 Voz do cientista

Conforme Maingueneau (1989) o autor, ao incluir no seu texto discursos sobre os quais não se responsabiliza, pode pretender dois efeitos de sentido diferentes, que são o de rejeição ou de adesão ao discurso relatado. Tanto num caso como no outro, temos o apagamento da voz do sujeito enunciativo, diante da voz de um “outro”. No caso do Gênero de Divulgação Científica, a voz de autoridade permeia todo o texto e tem a intenção de assegurar a validade da enunciação. Com isso, ela é usada para dar credibilidade ao discurso e, ao mesmo tempo, isentar o autor das informações ou dados ali apresentados. Vejamos:

(...) Uma pesquisa inédita encomendada pelo laboratório Pfizer e realizada pelo Ibope com 1.400 pessoas em nove capitais brasileiras traçou o mapa da dor no País.

(...) “Às vezes tarde demais”, afirma a fisiatra Lin Tchia Yeng, coordenadora do Centro da Dor do Hospital das Clínicas de São Paulo. (...)

(...) “As mulheres fisiologicamente sofrem mais”, afirma o neurologista Carlos Maurício de Castro Costa, presidente da SBED (Sociedade Brasileira para o estudo da dor). “Nem sempre elas procuram ajuda de forma correta ou encontram médicos preparados para atender a diferença de sensibilidade em relação ao homem. Não bastasse isso, fatores como a dupla jornada em casa e no trabalho só aumenta o desgaste físico.”

(...) “Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), ela afeta 30% da população do planeta.”

Como pode-se notar, o autor recorre a três segmentos diferenciados para validar seu discurso: laboratório Pfizer (pesquisa feita pelo Ibope), Centro da Dor do Hospital das Clínicas de São Paulo, Sociedade Brasileira para o estudo da dor e Organização Mundial de Saúde. Dentro desses segmentos, em dois ele cita pessoas que dão credibilidade ao seu texto, pois não são meros pesquisadores, tanto que Lin Tchia Yeng é a coordenadora do Centro da Dor do Hospital das Clínicas de São Paulo, enquanto que o neurologista Carlos Maurício de Castro Costa é a autoridade maior da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor, visto ser ele o presidente. Outro fator a ser considerado é que os dados finais são apresentados pela autoridade mundial na área de saúde: Organização Mundial da Saúde, logo, como contestá-los?

Mas, ao mesmo tempo que podemos considerar a incorporação da voz do cientista, seja em forma de citações - marcadas graficamente pelo sinal de aspas - ou entrevistas, como um elo anterior ao discurso deste gênero, Zamboni (2001) alerta para o fato de que essa voz já vem configurada como um texto de divulgação, ou seja, reformulada tendo em vista um público leitor leigo. Exatamente por isso, podemos dizer que essa voz demarcada, no Gênero de Divulgação Científica, demonstra o quanto os elos posteriores atuam, de fato, como constituintes do discurso. Nos exemplos abaixo, podemos constatar que a voz do cientista já uma voz vulgarizada, com a utilização de termos coloquiais e períodos com orações curtas que não caracterizam a formulação discursiva da ciência:

"O brasileiro não é muito diferente das pessoas de outros países. O ponto é que agora temos dados que quantificam como ele gosta da automedicação"

"Essas pessoas camuflam o problema. Eliminar sozinho a dor não é tratar da causa. Dor é um sinal de alerta. Muita gente esquece de que ela faz parte da vida."

"E não é só o trabalho. Conviver com dor causa estresse e depressão. Muda os hábitos alimentares"

"E o remédio mais simples é aquela conversa de, ao surgirem os primeiros sintomas, consulte o médico de confiança."

3.4.2 Escolhas lexicais responsáveis pela construção de sentidos do texto

A primeira escolha lexical que queremos comentar está dentro do subtítulo. Após mostrar o quanto de dor tem o brasileiro, o autor recorre à ciência para dar credibilidade ao seu discurso: *“Um estudo inédito realizou o mapa de como a população se comporta diante de um desconforto físico”*. A escolha lexical de **inédito** nos explicita que trata-se de algo que nunca antes fora realizado e induz o leitor à leitura integral do texto. Observemos que esse estudo realizou um **mapa**. Quando usamos mapas? Quando estamos perdidos, para nos localizarmos, tanto que a definição de mapa vem atrelada com roteiro, guia. Isso posto, o efeito de sentido produzido é o de que quem proceder à leitura deste artigo terá o esclarecimento necessário para saber a origem de suas dores. É uma forma utilizada pelo autor para incentivar o seu leitor presumido a realizar a leitura do texto completo. Portanto, podemos dizer que aí existe a consideração dos elos posteriores do enunciado.

Adentremos no texto propriamente dito. Ele apresenta duas partes: a primeira é composta por quatro parágrafos. Nesta, notamos que o autor fala sobre a dor de uma forma em geral. Na segunda, composta por seis parágrafos, observamos que é direcionada para as dores que as mulheres sentem.

Vejamos o início da primeira parte. Nela, observa-se um distanciamento do autor:

O brasileiro não anda bem. Seu joelho dói. A cabeça, os dentes e as costas também. E sabe o que ele faz diante de tudo isso? Não faz. O brasileiro aguenta mais do que pode – ou deveria.

Note que é usado “o brasileiro”, como se o autor não fizesse parte desse povo. Nesse fragmento, encontramos a subjetividade do autor, quando após fazer uma afirmação contundente ele a corrige: “O brasileiro aguenta mais do que pode – **ou deveria**”.(grifos nossos). Outra questão é novamente o uso da interpelação direta, que estabelece uma relação

clara com os elos posteriores, ou seja, com os possíveis leitores: “*E sabe o que ele faz diante de tudo isso? Não faz.*”. Verificamos que Clairefont (2009) pergunta como se nós, também, não fizéssemos parte desse segmento da população.

A partir do próximo parágrafo encontraremos o tom de intimidade que permeia todo o texto, o uso da primeira pessoa do plural (nós) com o intuito de buscar proximidade com o leitor e incluir-se, junto com ele, no texto:

“O diagnóstico é péssimo: nós empurramos o sofrimento físico com a barriga. E, quando resolvemos agir, o primeiro impulso é tomar remédio sem aconselhamento médico. Aliás, se o caso for pedir conselho, a coisa só piora. Os primeiros da lista serão alguém da família, um amigo, o vizinho, o farmacêutico. Esgotada a solução caseira, vamos ao especialista.”

É instigante assinalar que se antes era “o brasileiro” – ele, agora transformou-se em “nós empurramos o sofrimento físico com a barriga”. Assim como no subtítulo ocorre a inclusão, tanto do autor quanto do leitor, no texto. Nesse mesmo fragmento, quando o autor cita que “agimos por impulso, consultamos amigos, vizinhos”, ele está novamente apresentando a voz do senso comum, pois através do nosso conhecimento de mundo sabemos desses procedimentos. Rodrigues (2005), categoriza a voz do senso comum como uma relação dialógica com os elos anteriores, pois ocorre um movimento dialógico de assimilação do discurso do senso comum que se manifesta no texto, conforme já citamos ao discutir o subtítulo.

Outra escolha lexical interessante refere-se a “debruçou” e “pinçou”: “A médica se debruçou nos dados do levantamento e pinçou alguns alertas”. Notemos que uma coisa é estudar um dado científico, outra é se “debruçar” sobre ele. Em outras palavras temos a idéia que o dado foi estudado minuciosamente.

Com relação à “pinçou” podemos inferir que se trata de algumas pinceladas, no sentido de algumas orientações, respaldando a reportagem de possíveis críticas, no tocante à profundidade das orientações contidas na matéria.

Chama-nos a atenção a forma como inicia a segunda parte do texto: “*Nascemos chorando. Crescemos chorando. Acontece com todo mundo.*” Observemos que o uso do gerúndio será repetido no final do texto, justamente para dar a ideia de continuidade do discurso.

Na sequência ocorre uma outra forma de engajamento do leitor, com o uso do imperativo como forma de persuasão: “*Acompanhe um raciocínio*”. Aqui temos, novamente, a presença

da interpelação direta – Acompanhe você (leitor) um raciocínio, que traz o leitor para o texto, logo trata-se de um movimento dialógico de assimilação do discurso do outro.

Outro vocábulo digno de nota é a polissemia da palavra “saldo”: No saldo, esse convívio com a dor é traduzido em distúrbios: “54% das brasileiras dizem que sua disposição e humor são afetados...”. Note que o vocábulo “saldo” é utilizado como saldo negativo, tendo como resultado a dor. Diante desse contexto, o autor faz uma intertextualidade com outro contexto, a dupla jornada de trabalho da mulher, frisando que é um fator que aumenta o desgaste físico, por conseguinte, pode motivar o surgimento da dor.

“Golpeia” é outra escolha lexical polissêmica, aparece como:

(...) “O estudo aponta outro problema grave: a dor crônica. Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), ela afeta 30% da população do planeta. E golpeia a economia. Não há dados nacionais, mas um levantamento feito nos Estados Unidos mostrou que as empresas americanas têm um prejuízo anual de cerca de US\$ 550 milhões devido aos dias de trabalho perdidos de seus funcionários.”

Se formos ao dicionário encontraremos que “golpear” significa “batidas, pancadas, acertar duramente”, logo temos aqui uma comparação, que é um elemento didatizante utilizado neste gênero para facilitar a compreensão do texto. Mais uma vez temos uma opção que é realizada segundo a consideração do elo posterior do discurso, representado aqui, pelo leitor.

No último parágrafo encontramos a negação na qual, segundo Fiorin (2003), encontramos a implicação de duas vozes: uma que afirma e outra que refuta a afirmação anterior. Vejamos:

“E não é só o trabalho. Conviver com dor causa estresse e depressão. Muda os hábitos alimentares”, diz Lin Tchia Yeng. Nascemos chorando, crescemos chorando. Não há motivos para vivermos chorando. “E o remédio mais simples é aquela conversa de, ao surgirem os primeiros sintomas, consulte o médico de confiança”.

Notemos que quando o autor enuncia: “E não é só o trabalho”, está implícita uma voz que diz que é só trabalho sim, então o autor está refutando uma possível afirmação anterior, oriunda, talvez, do conhecimento de mundo que aponta que, na atualidade, cada vez mais nos dedicamos muito ao trabalho e pouco ao lazer.

3.4.3 O tempo verbal

Observamos no texto a predominância do tempo verbal presente simples do Indicativo (“o brasileiro não anda bem... as mulheres, fisiologicamente, sofrem mais... o estudo aponta

outro problema grave: a dor crônica”) indicando atemporalidade e contribuindo para que o discurso se revista de um caráter de universalidade, reforçando a inquestionabilidade e o caráter de veracidade pretendidos nesse tipo de discurso. Segundo Weinrich (apud Koch, 1993) a atitude comunicativa do produtor do texto pode ser narrativa ou comentadora. O tempo do mundo narrado é o pretérito perfeito, imperfeito e o futuro do pretérito, que indicam um certo distanciamento do narrador em relação ao que conta. O tempo presente e futuro, por outro lado, reporta-se ao mundo comentado, no qual o autor compromete-se com o que diz, ainda que de forma não explícita. É a subjetividade escondida por trás de uma aparente objetividade. Podemos observar que isso acontece de forma recorrente no texto.

Podemos perceber o uso do tempo presente, que contribui para dar um caráter de assertividade ao que é dito; com isso, o autor procura convencer o leitor do que considera uma verdade, evitando questionamentos.

4 SUMARIZAÇÃO DA ANÁLISE

Para finalizar, apresentaremos, no quadro abaixo, a descrição do Gênero de Divulgação Científica na revista Galileu, como forma de sumarização da análise:

1) Contexto de produção e relação autor-leitor-texto	
Autor-enunciador	Edmundo Clairefont
Provável destinatário	Leitores da revista Galileu: jovens e adultos leigos, classe média e alta
Local e época de circulação	Revista Galileu maio de 2009, circulação nacional, vendida em bancas de revista e por assinatura, acesso on line.
Provável objetivo da interação	Divulgar pesquisas científicas. GDC com o intuito de difundir o conhecimento acerca dos resultados de pesquisas recentes.
2) Conteúdo temático	O autor apresenta um estudo sobre o quanto sofrem os brasileiros, com o objetivo de orientar sobre a temática.
3) Organização geral	Título, subtítulo, fotos ilustrativas e didáticas, organização textual, aspectos gráficos aliados ao tema proposto
4) Marcas linguístico-	Na relação dialógica com elos posteriores: linguagem

enunciativas.	<p>formal, predomínio da norma padrão com uso de termos científicos não muito complexos, preferência pelo tempo presente, apagamento da voz do sujeito, seleção lexical que objetiva envolver o leitor com o texto,</p> <p>Na relação dialógica com elos anteriores: discurso direto - uso de aspas para marcar a voz de vários cientistas/estudiosos que dão credibilidade ao discurso ,</p>
----------------------	---

5 SUGESTÕES PARA ENCAMINHAMENTO DIDÁTICO

A proposta aqui apresentada é direcionada para alunos do Ensino Médio e não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de exploração do texto, mas representa apenas uma sugestão encaminhamento pedagógico com o gênero divulgação científica.

Contexto de produção e relação autor/leitor/texto

- Onde foi veiculado o texto?
- Quem provavelmente lê esse tipo de texto?
- O que podemos considerar como texto de divulgação científica?
- Em que outros lugares podemos encontrar textos como esse?
- Qual é a finalidade deste texto?

Conteúdo temático

- Qual é o tema abordado no texto que acabamos de estudar?
Existe, no texto, um posicionamento sobre o tema? Se houver, explicita:
- Que fragmentos do texto comprovam/justificam a resposta da questão anterior?
Transcreva-os.
- Como você se posiciona em relação a esse assunto? É possível vivermos sem dor?
Justifique sua resposta com argumentos/informações que defendam sua opinião.
- Qual é a sua opinião sobre automedicação? Você já se automedicou ou conhece alguém que o fez?

Marcas linguístico-enunciativas

- Localize no texto os trechos em que aparece a voz do cientista, enquanto argumento de autoridade, para dar credibilidade ao discurso, se fez presente em todo o texto. Caso fossem retirados, o texto teria a mesma credibilidade perante o leitor?
- O texto faz uso do recurso visual para explicar a temática abordada: a dor. No seu entender, está adequadamente explicado? Argumente.
- Por que a citação da fisiatra Lin Tchia Yeng veio entre aspas?
- A citação deste especialista é importante para a tomada de posição do texto? Justifique a resposta.

Observação: O professor, na qualidade de mediador, poderá trabalhar com outros textos do mesmo gênero, para o que alunos observem a linguagem, procurem identificar as marcas do GDC, tais como a voz do cientista, os elementos didatizantes (definição, nomeação, exemplificação, comparação, metáfora), uso de aspas, voz de autoridade, dentre outras características do gênero estudado.

Produção de texto

- Pesquise, com orientação do professor de Ciências e/ou Biologia, diferentes textos que abordem os cuidados que devemos ter com o uso indiscriminado de medicamentos e os efeitos negativos da automedicação. A seguir, proceda à leitura e discuta com um colega qual é a organização do texto. Veja se há título, subtítulo, elementos visuais, gráficos, se há citação da fala de alguém, se aparece a voz do cientista e como ela aparece.
- A partir das informações que você tem agora, para concluir, escreva, um texto do gênero divulgação científica sobre o assunto, de forma clara, objetiva e sucinta. Após, troque o texto produzido com seus colegas de classe para que se cumpra uma das principais funções do texto científico jornalístico: a disseminação de informação. Outra possibilidade é que esse texto seja disponibilizado para outros alunos da escola, seja através de mural, biblioteca ou no jornal da escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Gregório & Nantes (2007), ao professor cabe uma responsabilidade fundamental ao abordar este gênero: a mediação. Nesse sentido, corroboramos com as autoras, pois é através da mediação que ele chamará a atenção do aluno para os elementos característicos do gênero, como os discursos de autoridade, a escolha lexical, as comparações, o apagamento do sujeito, os recursos didatizantes, dentre outros.

No que concerne às vozes presentes no texto, cabe ao educador auxiliar o discente no processo de desvelá-las, visto que as escolhas lingüísticas são responsáveis pela produção de sentidos do texto.

Outro aspecto a ser considerado é a questão da progressão curricular. Sugerimos que a transposição didática ocorra de forma espiral, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997/1998).

Por fim, não podemos deixar de enfatizar a importância do trabalho interdisciplinar, visto que este gênero envolve diversas áreas do conhecimento, pois a prática pedagógica nos aponta que, dessa forma, estaremos assegurando que o aluno se aproprie do conhecimento de forma crítica, reflexiva, contextualizada, com um visão ampla.

7 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC, 2000. p. 149-182.
- BRAIT, B. Estilo. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. Brait, B. (org.) São Paulo: Contexto, 2003.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CLAIREFONT, Edmundo. Doe? **Revista Galileu**. São Paulo: Editora Globo, n.214, p.44-47, mai.2009.
- FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. **Lições do texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

GREGÓRIO, Regina Maria; NANTES, Eliza A. Sheuer; O gênero texto de divulgação científica: uma proposta de trabalho. In: **IV Anais do Siget – Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais**, 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index.htm.p.976>. Acesso em 14/05/09.

KOCH, I. V. FÁVERO, L. L. **Linguística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1993.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. Brandão, Helena N. (coord.). São Paulo: Cortez, 2000. –(Coleção aprender e ensinar com textos; v.5)

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes e Editora da Unicamp, 1989.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa**. (Formação de professores EAD 18). V. 1, Ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005, p. 27-75.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: **Gêneros: teorias, métodos e debates**. Meurer, J. L.; Bonini, A; Motta-Roth, D. (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005. P. 152-183.

ZAMBONI, L.M.S. **Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Fapesp, 2001.

8 ANEXOS

Ver arquivos em anexo